

## 8

### **Das presenças e das ausências nos Livros de Assinaturas e Depoimentos, ou a hora e a vez das “memórias subterrâneas”**

“Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória nacional. (...) Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes.” (Pollack, 1989, p. 3)

Continuamos e terminamos neste capítulo a trilogia das reflexões dos materiais recolhidos na pesquisa de campo. Assim sendo, vamos analisar o Livro de Assinaturas e o Livro de Depoimentos dos visitantes do Museu da Maré como fazendo parte desse conjunto de memórias subterrâneas, assim denominadas por Pollack (id), que também entram em disputa com outras memórias concorrentes.

Para fins didáticos dividiremos o capítulo em duas partes: na primeira analisaremos o Livro de Assinaturas dos visitantes do Museu da Maré relativos aos anos de 2009 e 2010, assim como apresentando o quantitativo dos mesmos relativo a número de visitantes, gênero, nacionalidade, idade e mais algum item surgido durante a análise que consideramos relevante. Na segunda parte nos deteremos em alguns depoimentos dos visitantes nos mesmos anos que nos chamaram mais atenção quer por seu conteúdo, originalidade ou repetição do depoimento.

#### **8.1**

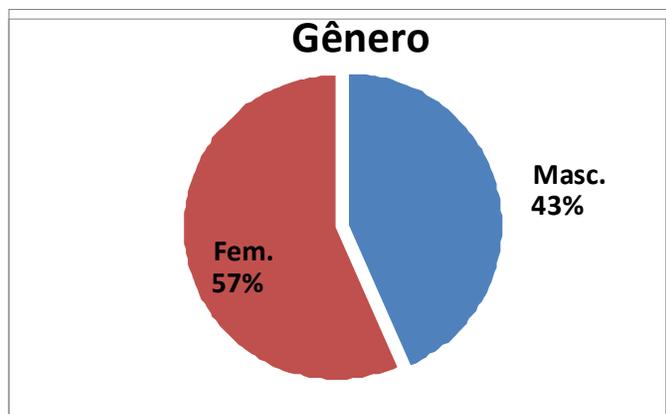
##### **O Livro de Assinaturas**

Começaremos identificando os dados quantitativos relativos ao Livro de Assinaturas dos anos de 2009 e 2010. Cabe esclarecer que foram escolhidos esses anos por corresponderem em parte ao tempo de nosso trabalho de campo (agosto de 2010 a abril de 2011) e o ano anterior (2009), em que conhecemos o Museu da Maré e começamos a frequentá-lo. Não seria possível ter escolhido o ano de 2011, pois neste já estávamos desenvolvendo a análise de vários dados.

Trabalhamos com os dados recolhidos no Livro de Assinaturas que contém informações do nome, gênero, localidade<sup>32</sup> e idade. Muitas pessoas só assinam o nome e colocam o gênero não respondendo aos outros itens. Neste sentido trabalhamos com os dados conforme o que nos foi possível recolher ou evidenciar. Estabelecemos alguns cruzamentos entre os dados que coletamos o que nos permitiu concluir alguns itens ou apontar algumas pistas para a análise realizada.

### 8.1.1 Visitantes do Ano de 2009

Gráfico 1 - Gênero 2009

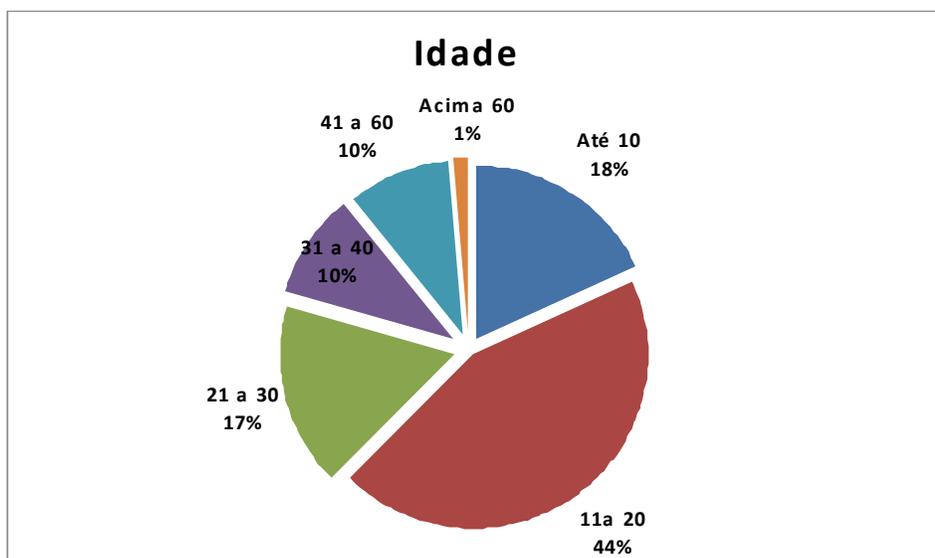


O total do número de visitantes no Museu da Maré em 2009 foi de 7803, sendo 3389 de homens (43%) e 4414 de mulheres (57%) conforme mostra gráfico 1. Do percentual de visitantes que declarou a idade, 44% tem entre 11 a 20 anos (4632 pessoas). Sendo que de quase mil visitantes que declararam sua instituição de origem, 59% são de escolas municipais (vide gráfico abaixo). Pelo nome das escolas e pelas observações do campo podemos perceber que a maioria são localizadas dentro da Maré<sup>33</sup> ou em bairros de seu entorno, como escolas de Bonsucesso ou da Ilha do Governador.

<sup>32</sup> Alguns visitantes ou usuários do Museu da Maré no item localidade do Livro de Assinaturas escrevem, às vezes, o nome da instituição a que estão vinculados. E em geral, quando fazem isso, não escrevem o nome do local em que moram.

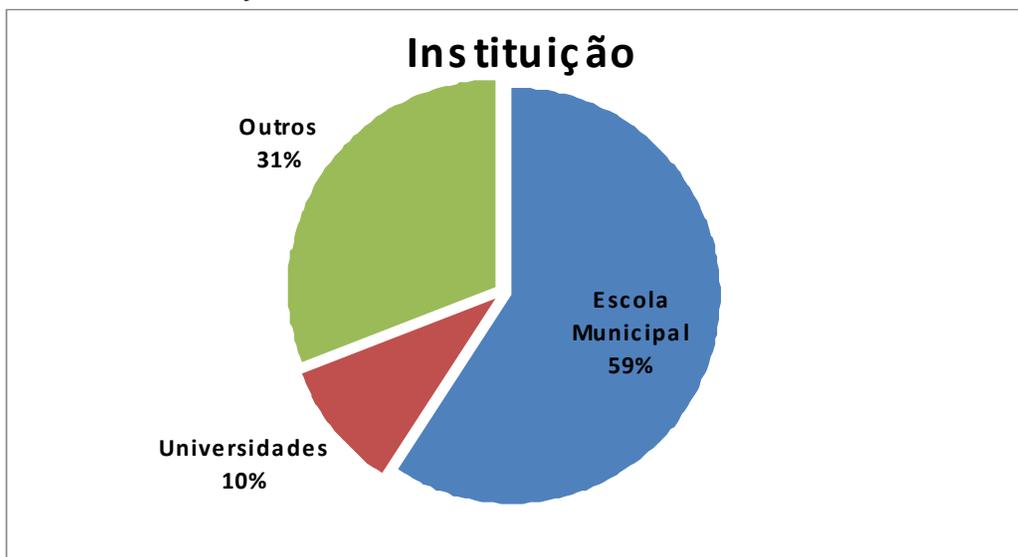
<sup>33</sup> A Maré possui diversas escolas municipais de Ensino Fundamental, segundo Nobrega Júnior em 2007 contabilizavam 16 unidades. Dentre elas, temos escolas bastante conhecidas na região, como por exemplo: o CIEP Sérgio Perneta e a Escola Municipal Bahia.

Gráfico 2 - Idade 2009



Em 2009 a maioria dos visitantes do Museu tem entre 11 e 20 anos. O segundo grupo que mais visitou o Museu tem entre 21 e 30 anos. Sendo assim, constatamos que como a maioria dos visitantes/usuários do Museu da Maré são estudantes da Escola Básica acompanhamos uma das turmas na visita à exposição permanente. Era uma turma de 9º ano de uma escola municipal da Ilha do Governador. Foram visitar o Museu acompanhados do professor de História e uma outra professora. Totalizavam uns 30 a 40 alunos e alunas animados e muitos vibrando com a descoberta da história da Maré e a memória construída naquele local.

Gráfico 3 - Instituição 2009



Ao nos depararmos com esse resultado de que a maioria dos frequentadores do Museu da Maré são escolares percebemos como esse espaço se faz forte como um espaço educativo não formal, pois engloba diferentes atividades como: rodas de leitura, dança de salão, Hip-Hop, dentre outras. Além disso, o espaço da exposição por si só torna-se marcante por sua dimensão educativa, já que fornece uma série de informações sobre a história da Maré, construindo memórias locais.



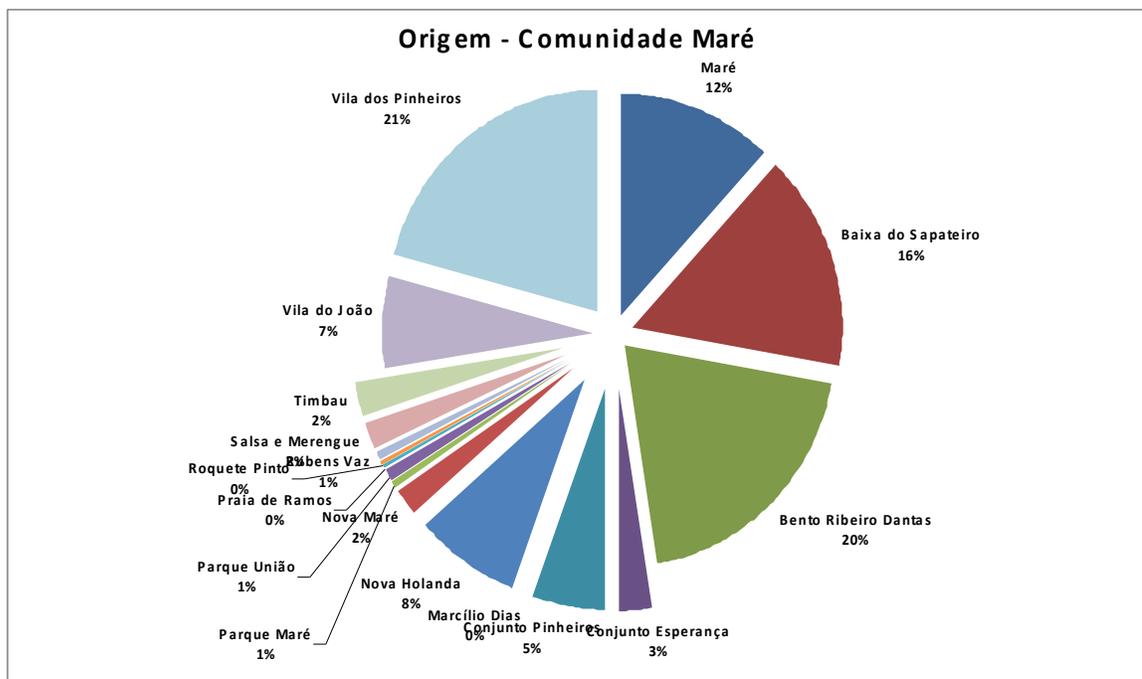
Foto 50 de Terezinha Lanzelotti – Alunos de escola municipal visitando o Museu da Maré recebendo informações do arte educador do Museu na entrada da exposição permanente.

Os estudantes e outros jovens se deparam assim com uma memória instituída, musealizada e não uma memória espontânea, por isso podemos dizer que o museu sacraliza os objetos porque os redefine simbolicamente formando tais memórias. Portanto, se deparam com um “lugar de memória” como é por excelência o Museu da Maré. Vieira (2004) baseado em Pierre Nora nos fala sobre os “lugares de memória” no trecho abaixo:

“Para Nora, os lugares de memória são frutos de um sentimento de perda de uma memória espontânea e, por isso, mesmo instituídos. É uma memória comemorativa, referencial, formal, porque perdeu sua existência no mundo social, não mais interage nas relações humanas, é uma memória musealizada.” (Vieira, 2004, p. 156)

Com relação à comunidade de origem, apenas 2874 dos visitantes declara onde vivem, sendo que a maioria se diz da Vila do Pinheiro (21%), em segundo lugar com 20% da frequência temos o Conjunto Bento Ribeiro Dantas (também chamado Fogo Cruzado<sup>34</sup>), em terceiro a Baixa do Sapateiro (16%), em quarta colocação a Nova Holanda (8%), em quinta a Vila do João (7%). Nessa sequência, paradoxalmente, os moradores do Timbau - aonde se localiza o Museu da Maré - ocupam o nono lugar em termos de visitação, compondo apenas 2% do número de visitantes (vide gráfico 4). O que de fato é um resultado que nos surpreendeu, porque imaginávamos ter mais visitantes da comunidade onde se localiza o Museu.

Gráfico 4 - Origem: comunidades da Maré 2009



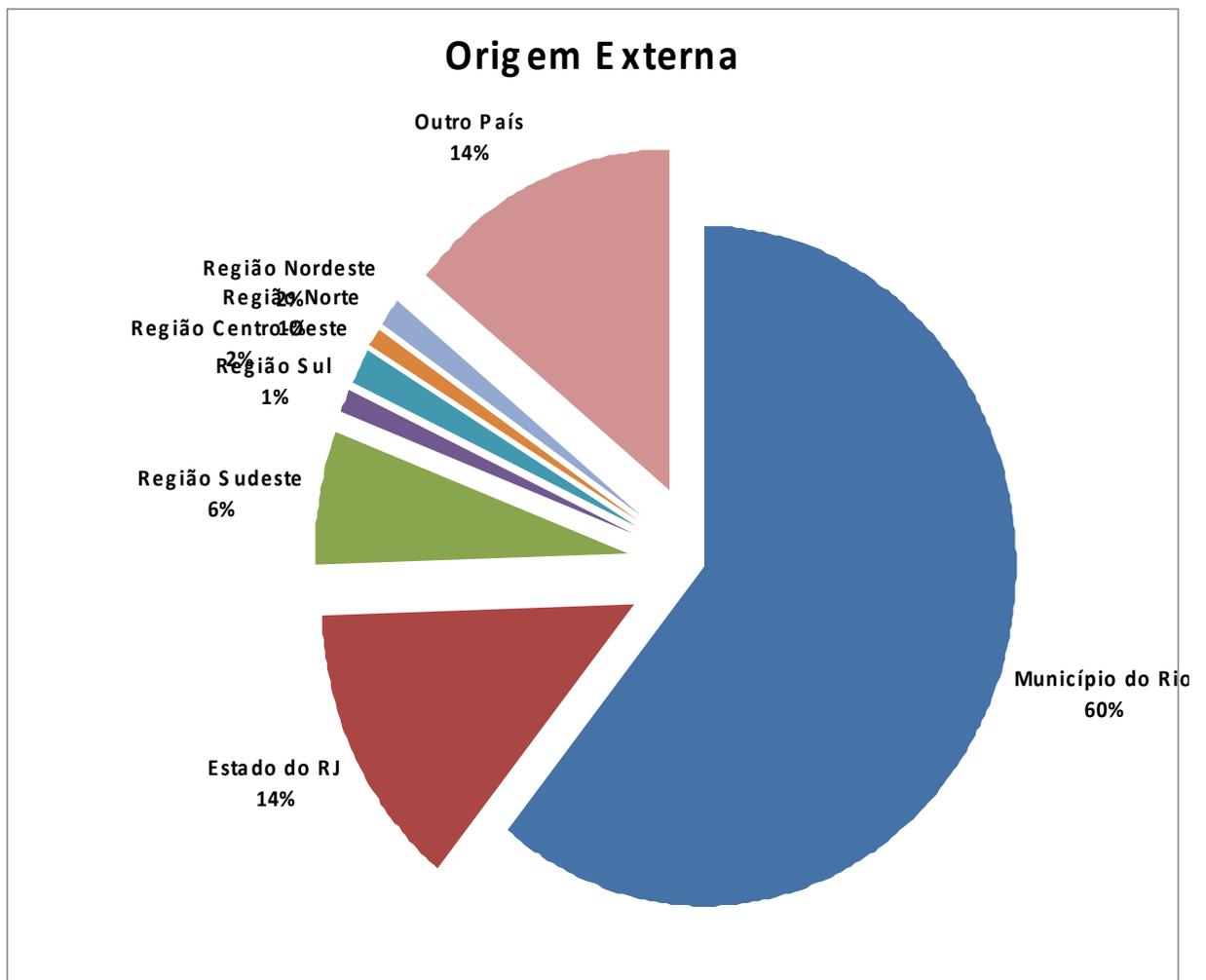
Mostraremos no item a seguir referido ao ano 2010 que parte desses dados da origem dos visitantes se invertem, pois o Timbau passa para primeiro lugar em número de visitantes, pelo menos entre os que declararam a sua origem de localidade.

Ainda em números quantitativos podemos analisar outro gráfico abaixo que nos mostra que 60% dos visitantes do Museu são do município do Rio de Janeiro. Em segundo lugar a população que mais visita o Museu da Maré surpreendentemente, empatada com aquela originária do estado do Rio de Janeiro

<sup>34</sup> Fogo Cruzado é uma alusão às ações da polícia contra os traficantes naquele local.

(14%), é a dos estrangeiros (14%). Cabe lembrar que em diversos momentos de nossa observação de campo nos deparamos com grupos de estrangeiros, como holandeses, alemães etc. As outras regiões do país pouco visitam o Museu da Maré como podemos conferir no gráfico 5 construído a partir Livro de Assinaturas.

Gráfico 5 - Origem: externa 2009



Portanto, nossa primeira conclusão analisando o ano de 2009 confirma o que a observação do campo nos apontava inicialmente: a maioria dos visitantes do Museu da Maré em termos quantitativos é de estudantes de escolas municipais da Maré ou de seu entorno. Em síntese, dos 1963 visitantes que declararam

localidade, 59% são do município do Rio de Janeiro, tem entre 11 e 20 anos e são alunos das escolas municipais, nos parecendo ser a maioria da própria Maré<sup>35</sup>.

Paralelo a essa conclusão nos deparamos com outra que já abordamos acima, é o fato de que o grupo que mais visita o Museu da Maré é o do município do Rio de Janeiro, depois vem empatado percentualmente os grupos de moradores do estado do Rio de Janeiro e de estrangeiros. Na nossa observação de campo por diversas vezes encontramos um grupo de holandeses<sup>36</sup> bastante entrosado com a comunidade, quer pintando os prédios do conjunto arquitetônico que compõe o espaço do Museu, quer jogando bola no pátio ou participando da “Maré do Samba”. Afora isso, nos deparamos também com alemães levados pelo Instituto Goethe, franceses que ouviram falar do Museu e tinham interesse particular em conhecer, dentre outros.

Em terceira colocação nos deparamos com os visitantes do Sudeste em geral. Muito embora caiba-nos o alerta de que encontramos visitantes de todas as regiões brasileiras mesmo que em muitíssimo menor número. No Livro de Depoimentos percebemos que muito desses visitantes de outros estados, fazem parte de redes de memórias ou dos Pontos de Cultura e Memória de outros estados, ou até mesmo de outros museus comunitários ou ecomuseus.

Como quarto ponto concluimos que mais da metade do público é de estudantes entre 11 a 20 anos, ou crianças até 10 anos, perfazendo esses dois grupos um total de 62%. Nos seus depoimentos encontramos algumas assinaturas apenas, ou desenhos imitando pichações, ou apenas a repetição de *gostei, gostei muito, gostei demais*, ou similar. O terceiro grupo que mais visita o museu pela faixa etária é o de jovens adultos entre 21 e 30 anos. Cabe-nos aqui a inferência de que alguns podem ser alunos do CEASM.

Em quinto lugar salientamos o fato de percebermos que o grupo que menos vai ao Museu da Maré, diferente do turismo de classe média em muitos museus tradicionais, é da faixa etária acima de 60 anos. Sobre esta realidade poderíamos

---

<sup>35</sup> Percebemos que a maioria dos alunos devem ser de escolas municipais da própria Maré, já que vários colocam os nomes das mesmas e sabemos que elas se localizam nas comunidades da Maré. Porém, como não conseguimos o tabelamento de todos esses dados porque nem todos colocam o nome da escola que estudam, não podemos afirmar com toda a certeza que todos ou a maioria são de lá, mas há grandes indícios que o sejam.

<sup>36</sup> Alguns desses holandeses vieram para o Rio de Janeiro e aqui se instalaram para uma temporada e como voluntários ligados a uma instituição holandesa estavam pintando as paredes externas do Museu da Maré. O que de fato tornou-o mais bonito e agradável, bem colorido conforme fotos mostradas em capítulo anterior.

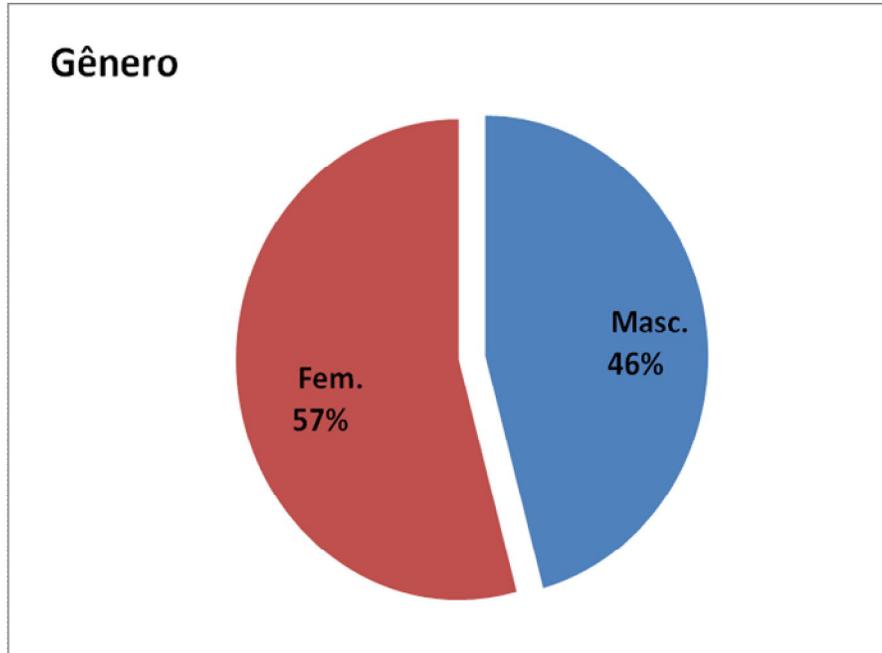
fazer diversas deduções, como: isto se deve ao fato de tratar-se de grupos sociais de menor poder aquisitivo e dificuldade de locomoção maior, ou o próprio fato de haver menor longevidade nas camadas populares devido às circunstâncias de vida inferiores, dentre outras causas. Enfim, não temos dados suficientes para aprofundarmos essa questão, mas podemos levantar algumas pistas.

Como sexta conclusão percebemos que dos visitantes que declaram a que instituição estão relacionados, o grupo que mais frequenta o Museu da Maré depois dos escolares, são indivíduos ligados às universidades, quer sejam universitários (em grande número) ou professores universitários e/ ou pesquisadores. Porém, uma expressiva população dos visitantes não declara instituição a que está vinculado, se é que está.

### **8.1.2** **Visitantes do ano de 2010**

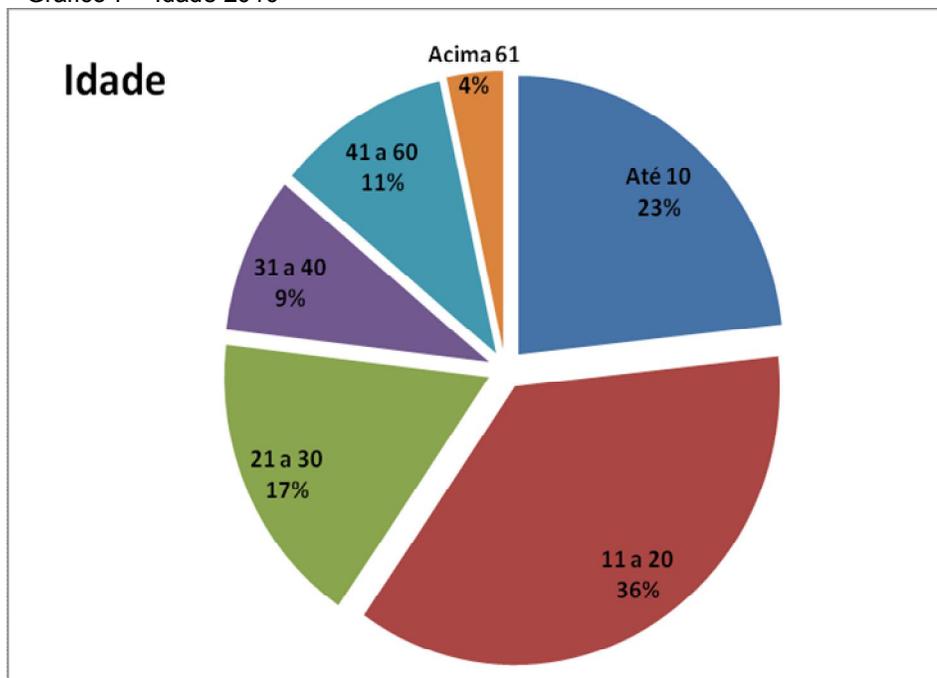
O total do número de visitantes no Museu da Maré em 2010 foi de 3802, sendo 46% de homens (1742) e 57% de mulheres (2060). Temos uma frequência ao Museu quase reduzida à metade em comparação com o ano anterior. Não temos dados suficientes para explicar este fato, mas podemos fazer algumas reflexões sobre isso, como por exemplo: o ano de 2009 foi o Ano dos Museus e várias atividades ocorreram dentro do Museu da Maré e em outros museus que atraíram maior público para esses locais; outra hipótese é de que alguns convênios com o Museu tenham diminuído as verbas ou terminaram diminuindo o número de cursos ofertados no espaço museal; um menor número de escolas foi visitar o Museu devido a dificuldades da rede municipal de ensino no transporte para deslocamento dos alunos, fato que nada tem a ver diretamente com o contexto do Museu, mas que acaba interferindo no número de visitantes, tendo em vista que no ano anterior o maior número foi de escolares, não podemos também desconsiderar a questão da violência no local e a difusão da mesma no alardeamento da mídia, dentre outras hipóteses possíveis para tal redução de visitantes.

Gráfico 6 - Gênero 2010



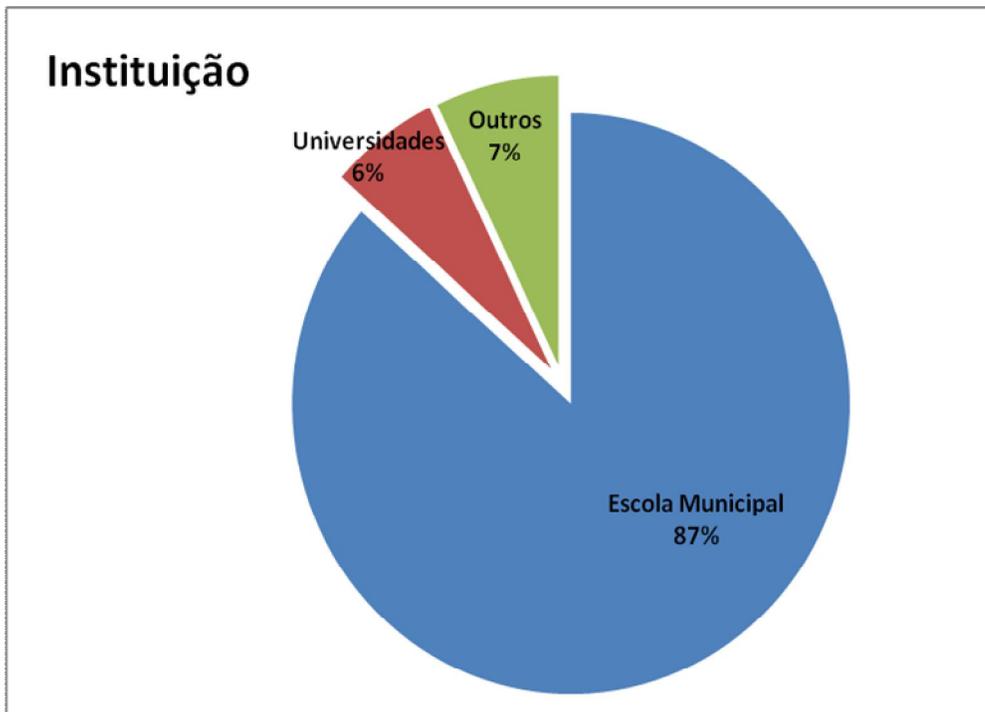
Como podemos observar no gráfico 6 no ano de 2010, também, há um número maior de visitantes do sexo feminino (57%), porém se pensarmos que o número de mulheres é maior do que de homens na cidade do Rio de Janeiro, vemos que não há tanta discrepância assim de gênero nos números dentre os visitantes, principalmente no ano de 2010.

Gráfico 7 – Idade 2010



A maior parte dos visitantes do Museu da Maré, ou seja, 36% tem entre 11 a 20 anos<sup>37</sup>. Sendo que dos visitantes que declararam sua instituição de origem, 87% (422) são de escolas municipais (a maioria delas das comunidades da Maré ou de seu entorno). Conforme mostramos a seguir no gráfico 8.

Gráfico 8 - Instituição 2010



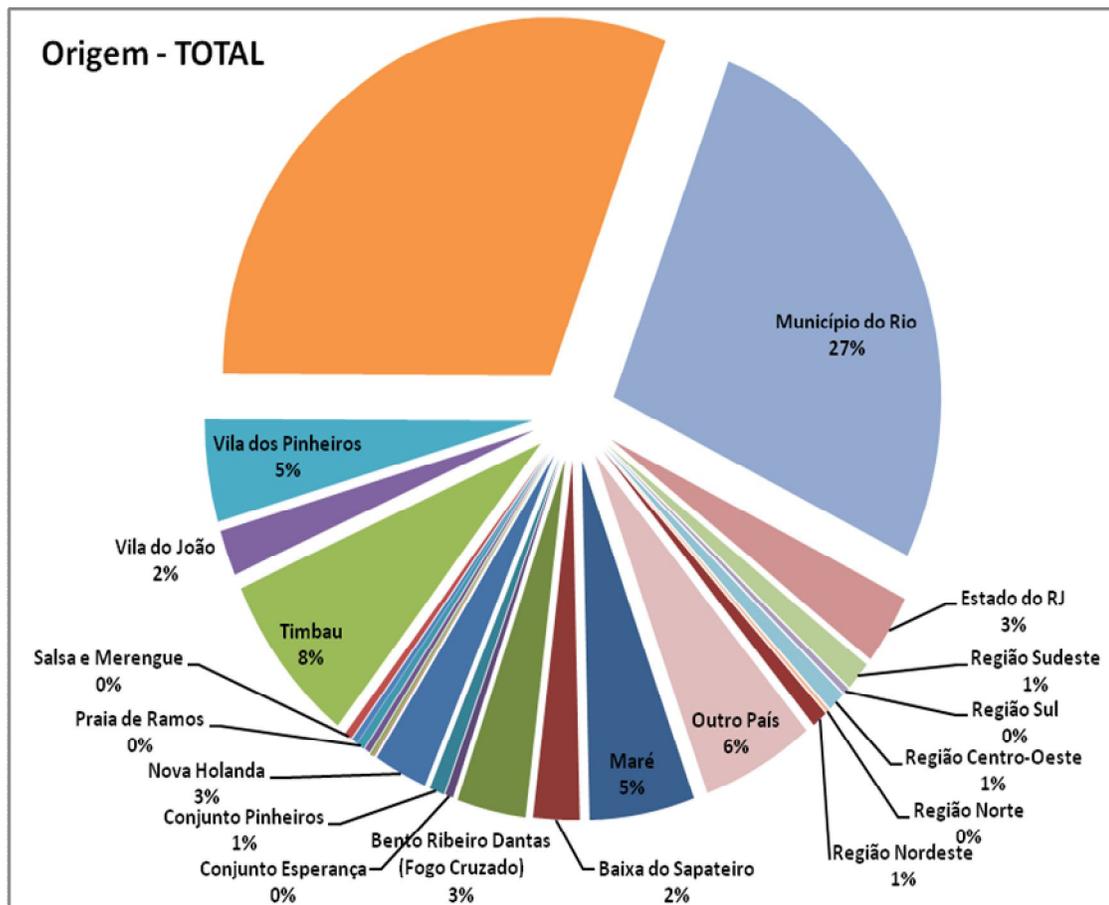
Um número maior percentualmente de visitantes de 2010 comparado a 2009, declara sua localidade. 1074 visitantes se diz morador da Maré, desses 17% (182 pessoas) escreve genericamente que são da Maré; já os restantes são específicos no nome da comunidade a que pertencem. Diametralmente oposto ao ano de 2009, o maior número de visitantes é do próprio Timbau (25%), em segundo lugar da Vila do Pinheiro (15%). O Conjunto Bento Ribeiro Dantas (Fogo Cruzado), que em 2009 foi o segundo no “ranqueamento”, no ano seguinte fica em terceiro lugar no número de visitantes, ou seja, com 11% das visitas conforme mostra a tabela abaixo. Em quarto lugar temos a Nova Holanda com 9% dos visitantes, já em quinta colocação temos a Vila do João e a Baixa do Sapateiro, caindo esta de terceiro lugar para quinto com 7% das visitas em 2010. Já a Vila do João permanece também em quinto lugar em 2010 com 7% do total de visitantes da Maré.

<sup>37</sup> Cabe lembrar que mais da metade dos visitantes não declararam idade.



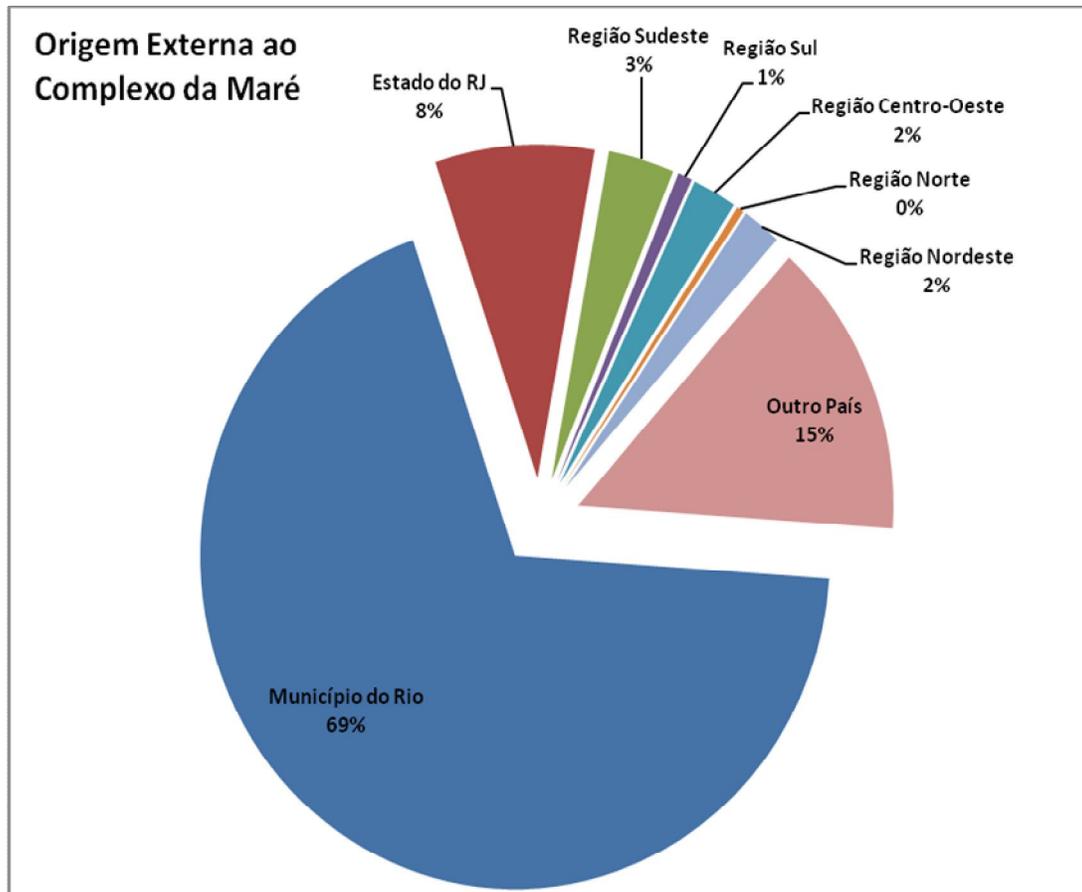
Outra mudança em 2010 é que os visitantes originários do estado do Rio de Janeiro caem apenas para 3%, sendo maior o número de visitantes de outros países (6%). As outras regiões brasileiras também tem um percentual inexpressivo quantitativamente nas visitas.

Gráfico10 - Origem total dos visitantes do Museu da Maré



Aproveitamos para demonstrar o percentual de visitantes do Museu sem os visitantes das comunidades da Maré no gráfico 11 abaixo.

Gráfico11- Origem externa ao Complexo da Maré -



Concluimos que a classificação percentual dos grupos sociais se mantém na maior parte dos casos, pois a maioria dos visitantes continua sendo do município do Rio de Janeiro, sendo que as regiões brasileiras, com exceção do próprio Sudeste se mantém pouquíssimo expressiva percentualmente. Mas, percebemos nesse gráfico uma diferença em relação aos visitantes estrangeiros (15%), pois eles ultrapassam os visitantes do estado do Rio de Janeiro (8%).

### 8.1.3 Entrecruzando os dados

Portanto, nossas conclusões sobre o perfil dos visitantes do Museu da Maré no ano de 2010 nos apontam muitas permanências em tal perfil do público que o visitou em 2009 e apenas algumas mudanças. Analisemos as mesmas abaixo.

Primeira conclusão: confirma-se que o maior número de visitantes do Museu da Maré é de mulheres tanto em 2009, quanto em 2010.

A segunda permanência é que percentualmente mais da metade do público é de estudantes até 10 anos ou entre 11 a 20 anos, tanto em 2009, quanto em 2010, logo de escolares e a grande maioria de estudantes das escolas municipais. Em 2010 percebemos um aumento declarado dos estudantes de escolas municipais, pois este aumentou de 59% em 2009 para 87%. Vários fatores poderiam determinar isto, como por exemplo: a facilitação da Secretaria Municipal de Educação disponibilizando ônibus, através de um projeto implantado nas escolas municipais pela Secretaria de Educação nos últimos anos; a maior popularidade do Museu da Maré na mídia e nas universidades; a implantação do Projeto DaMARÉ ligado às obras de Revitalização do Canal do Fundão, levando muita gente a frequentar o Museu - quer da universidade (UERJ), quer da própria Maré - tendo em vista que diversos dos cursos oferecidos pelo Projeto foram realizados no Museu; e com menor possibilidade, um aumento da consciência da importância dos museus comunitários e ecomuseus no movimento social e o aumento de pesquisas que abordam esta temática. Ou simplesmente que esses estudantes tenham visitado o Museu com professores ou guias que tenham lembrado aos estudantes de que eles deveriam assinar os Livros institucionais.

O terceiro grupo que mais visita o Museu pela faixa etária é o de jovens adultos entre 21 e 30 anos, apresentando tanto em 2009, quanto em 2010 um percentual de visitação constante em 17%. Cabe-nos aqui a inferência de que alguns podem ser alunos do pré-vestibular do CEASM.

A quarta conclusão é o fato de percebermos que o grupo percentualmente que menos vai ao Museu da Maré, tanto em 2009 quanto em 2010, é o de faixa etária acima de 60 anos. Como já afirmamos poderíamos levantar diversas possíveis explicações: tratar-se de grupos sociais populares e com menor poder aquisitivo, logo, a dificuldade de locomoção é maior, ou o próprio fato de haver menor longevidade. Mesmo assim, cabe-nos a lembrança de Cazelli (2007) que nos afirma que o público da maioria de museus brasileiros ainda é de escolares em visitas escolares. Os pais ou familiares ainda levam pouco as crianças aos museus e eles próprios, adultos vão pouco, comparativamente a outros países.

Como quinta conclusão percebemos que os grupos institucionais e que mais frequentam percentualmente o Museu da Maré, depois das escolas municipais, são indivíduos de instituições variadas e em terceiro lugar aqueles ligados às universidades – 10% em 2009 e 6% em 2010 – nos dois anos pesquisados. Neste

ponto encontramos em nossas observações de campo um significativo número de universitários ou professores universitários e/ ou pesquisadores que frequentam o Museu em seu cotidiano, como encontramos em diversas vezes, por exemplo, tanto o professor e pesquisador de música, como um grupo de universitários e seu professor da área de Ciências Sociais de uma universidade pública que fazem um trabalho regular no Museu da Maré. Cabe lembrar que foi em 2010 que se iniciou o Projeto DaMARÉ, que conveniou o Museu da Maré com a Secretaria Estadual de Ambiente, sob a responsabilidade da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Logo, houve uma frequência maior de pessoas ligadas à universidade em suas dependências e também maior divulgação do mesmo no ambiente acadêmico, pelo menos da própria UERJ.

Outra diferença do ano de 2010 em relação a 2009, provavelmente referendada à conclusão anterior, é que em 2009 31% dos visitantes do Museu não declarou sua instituição e em 2010 só 7%. *Será que as escolas municipais e seus professores em suas visitas se preocuparam mais em fazer os alunos assinarem o livro de visitas e declararem o nome de suas escolas? Será que os guias do Museu da Maré ficaram mais atentos no pedido dessas anotações nos livros de visita do Museu?* Não sabemos, mas o fato é que em 2010 há dados mais precisos em relação às instituições de origem. Ainda assim, uma expressiva população dos visitantes não declarou a instituição a que está vinculado ou não tinha nenhuma instituição a declarar.

Também como mudanças percebemos que em 2010 o Museu teve uma baixa no número total de visitantes, de 7803 em 2009 para 3080, ou seja, menos do que a metade do número de visitantes. Paradoxalmente aumentou significativamente seu número de visitantes estrangeiros, o que de certa forma fala a favor da intenção de alguns dos diretores entrevistados que não desejam que o Museu da Maré seja apenas um museu da comunidade, querem que ele seja um museu da cidade, do país e do mundo. Em relação ao restante das regiões brasileiras já não podemos afirmar o mesmo, pois os números baixos de visitas permanecem percentualmente inalterados, mas em relação aos estrangeiros os dados mostram que sim, houve um crescimento percentual no número de visitantes. Com certeza haverá diversos outros motivos para esse crescimento de visitantes estrangeiros, além do que Appadurai & Breckenridge (2007) nos alertam genericamente que há uma expansão da “indústria do patrimônio”, como escrevem na citação abaixo:

“É, também, verdade que os museus em toda parte parecem estar cada vez mais envolvidos com experiências de veículos de comunicação de massa (Lumley, 1988). Finalmente, os museus em toda parte parecem estar em expansão na medida em que a “indústria do patrimônio” (Hewison, 1987) decola.” (Id, p. 23)

## 8.2 O Livro dos Depoimentos

“Memória e esquecimento são duas cabeças de um mesmo bicho-de-sete. Cabeças que cortadas, se regeneram, como as da Hidra de Lerna. Cabeças que se alternam, binárias. Ora brotam, ora decepam. Ora ali, ora não mais. Portanto, presentes ou ausentes – como presentes ou ausentes são os que se fazem registrar nos dois livros institucionais do Museu da Maré. Por suas próprias, ou pelas mãos de outros, eles aparecem descritos nas linhas que se emendam ao início e ao fim dos doze tempos de relógio. As linhas pautadas de dois volumes, como os chamo: o livro de presenças e o livro de ausências.” (Chagas, Viktor. 2007, p. 1)

O trecho acima foi retirado do texto de Viktor Chagas (id) denominado *Museu é como um lápis*, fonte de minha inspiração para analisar alguns depoimentos e recorrências no Livro de Depoimentos relativo aos anos de 2009 e 2010.

### 8.2.1 De visitante a usuário: acompanhando Brenda

Com relação ao Livro de Depoimentos dos visitantes do Museu da Maré optamos por dividir nossas análises e reflexões em alguns eixos temáticos à luz dos principais conceitos por nós apresentados nos capítulos teóricos. Esses eixos se justificam pelo fato de nosso objetivo central ser analisar como o Museu da Maré pode fortalecer as identidades locais e construir a memória e a história local através de sua dimensão e práticas educativas.

Sendo assim, estruturamos nossa análise segundo alguns critérios, são eles: os eixos temáticos, a repetição e constância de algumas afirmações que podem ser interpretadas como evidências e alguns itens que nos chamaram atenção quer por curiosidade, originalidade ou significância no contexto pesquisado. Cabe lembrar que evitamos nos deter ou escolher depoimentos de pessoas acadêmicas, ou universitárias, ou conhecidas do grande público como artistas etc. Demos preferência aos moradores

do local e eventualmente estrangeiros, pelo fato já afirmado acima de que esses constituem em maior número os frequentadores do Museu.

Já constatamos no item anterior que o número de crianças e jovens que frequenta o Museu da Maré é grande. Logo, merece a ressalva de que o Museu desempenha um papel agregador na vida dessas crianças e jovens na medida em que oferece para além da exposição, diversos cursos como: *balé*, informática, instrumentos musicais, hip-hop, teatro, sala/ roda de leitura, exibição de filmes, debates sobre diversos temas (como holocausto, violência), depoimentos como de uma sobrevivente do holocausto etc, além do PET (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Nesse sentido, o Museu da Maré de fato se configura como um museu que surge e se transforma na demanda do movimento social (Varine, 1995).

Associa-se a essa ideia de museu pró-ativo, uma mudança no conceito de visitante, que seria melhor ser chamado de usuário, como sugere Moreira (2007) devido à ampliação da oferta de serviços do próprio museu.

“Globalmente, entende-se por público o conjunto de usuários de um serviço. No caso específico dos museus, os usuários são todos aqueles que utilizam um serviço à disposição pela instituição museu. Assim, o público dos museus corresponde não só aos visitantes (pessoas que entram ou entraram no museu), mas também à parcela daqueles que, de alguma maneira, sem uma relação presencial no museu, usufruíram dos serviços ou bens por ele disponibilizados (p. e. encomenda de livros ou outros materiais por catálogo, visitas a exposições itinerantes, destinatários de ações pedagógicas levadas a efeito nas escolas...)” (id, p. 101)

Cabe lembrar que além de todas as atividades oferecidas acima pelo Museu da Maré, ele oferece um site extremamente informativo e bem elaborado.

Sendo assim, nesse tipo de museu pró-ativo encontramos alguns pontos recorrentes deslizando pelos depoimentos dos Livros do Museu. Por exemplo, há várias crianças/ adolescentes que vão conhecer o Museu e ficam indo lá repetidas vezes e assinam várias vezes também, tantas quantas forem ao Museu. Nesses depoimentos encontramos muitas “falas” como a de Lilian Britto Shumlesh em março de 2009 que afirma: *É muito legal (sic) gostei apesar de ter vindo umas 500 vezes (sic) muito legal*. Ao buscarmos no Livro das Assinaturas mais informações sobre a Lilian não encontramos diretamente, pois ela não declara sua localidade, nem escola que frequenta e também não diz sua idade. Porém, pela proximidade com outras Assinaturas de crianças entre 11 e 13 anos, trata-se provavelmente de menina de 11 /12 anos e moradora da Baixa do Sapateiro, pois

um pouco acima de sua assinatura no Livro das Presenças há uma outra pessoa, provavelmente parente - com o mesmo sobrenome dela- que se declara da Baixa.

Outro depoimento anônimo e enfático nos diz *Gostei, vim 11 vezes*, ou ainda *Eu adorei o museu, venho aqui sempre que posso! BJKS!!* (Sic) *Foi muito legal Juliana*. Juliana é provavelmente mais uma menina entre 14 a 16 anos moradora ali da Maré, provavelmente também da Baixa do Sapateiro, porque seu nome foi assinado no meio de alunos de uma escola e nessa faixa etária.

A maioria dessas crianças ou adolescentes são moradoras do entorno, logo o Museu faz parte do cotidiano das mesmas e se torna referência em suas próprias vidas já que elas passam por lá cotidianamente, pedem para beber água, ir no banheiro, brincam na “casinha”, como chamam a palafita, correm pelo pátio etc. Marceley nos diz em novembro de 2010: *Eu adorei a casinha e tudo*.

Ainda inspirada na experiência de Viktor Chagas (2007) que acompanhou o percurso de algumas crianças nos Livros de Depoimentos e Assinaturas do Museu da Maré, também tentamos acompanhar Brenda de Souza Carvalho em suas aventuras pelo Museu, na medida do que nos foi possível pelos Livros institucionais. Ela é uma menina que tinha 11 anos em 2009, moradora do Conjunto Bento Ribeiro Dantas (Fogo Cruzado).

Brenda primeiramente nos saltou aos olhos pela repetição com que ela escreve no Livro de Depoimentos e assina, além dela escrever coisas de criança, simples, mas muitas vezes ocupando meia página com uma letra bonita, porém enorme. Escreve por exemplo em 26 de março de 2009: *Brenda Beijos (sic – desenha vários corações)*; ou ainda em maio de 2009: *Adorei o museu Ass: Brenda BJS !!!* (sic- desenha mais um coração), neste momento já assina o Livro de Presenças declarando ter 12 anos, provavelmente tendo aniversariado por essa época. Não conseguimos descobrir em que escola estuda, pois não declara isso, pelo percentual estatístico deve estudar numa escola municipal da região. Nem sempre quando assina o Livro de Presenças ela faz depoimentos ou vice-versa. Mas, digamos que para uma criança de 11/12 anos é frequente as vezes que aparece nos dois Livros e demonstra coerência. Tem letra legível e parece expansiva a se julgar pelo espaço que ocupa nas páginas, sempre assina o nome todo no Livro de Presenças e apenas Brenda no Livro de Depoimentos. Também percebemos que neste último se sente muito à vontade para desenhar corações,

escrever com letra enorme, fazer frequentemente declarações carinhosas ao Museu e ocupar meia página apenas com uma ou duas frases pequenas.

Portanto, no Livro de Depoimentos Brenda demonstra maior intimidade com o livro e com o espaço do Museu. Também em relação à comunidade da Maré, aonde mora, se refere muitas vezes apenas como Fogo, diminuição de Fogo Cruzado, “codinome” do Conjunto Bento Ribeiro Dantas. Talvez faça cursos no Museu ou participe do PET, ou ainda da Sala de leitura, não sei. Com seu linguajar infantil e contemporâneo Brenda se refere à palafita falando *Eu gostei da cabana* em novembro de 2009.

O caso de Brenda pode ser banal, passar despercebido, mas pode, também, nos ser emblemático na medida em que exemplifica as ações do Museu da Maré transcendendo em muito o espaço museográfico de um museu clássico. Mostramos também na prática o valor daquele lugar para a população local, como nos declarou Carlinhos, Lourenço, Terezinha ou “Seu” Atanásio em suas entrevistas em que todos desejam que o Museu narre a história da Maré, valorize aquela população, valorize a favela, empodere as identidades locais e estabeleça uma reflexão sobre aquela história e a construção daquelas memórias. Já escrevemos anteriormente sobre isso, um dos principais motivos para o surgimento do Museu é a busca do empoderamento identitário local, de uma cidadania crítica e ativa. Portanto, mais uma vez a aposta nas práticas educativas conscientes, ou não tão claras, emergem nas “águas da Maré”, ou melhor, do Museu da Maré. Com certeza a intenção dos dirigentes e funcionários é transformar e criar com essas práticas educativas novas mentalidades, atingindo prioritariamente uma população de crianças, adolescentes e jovens de várias comunidades da Maré. É claro que constatamos nos Livros que a maioria dessas crianças, assim como outros visitantes da Maré, são de comunidades do entorno do Museu, como do próprio Timbau, da Baixa do Sapateiro, do Conjunto Bento Ribeiro Dantas (Fogo Cruzado) aonde mora Brenda.

No Livro de Depoimentos as crianças também escrevem sobre as brincadeiras e a sensação de liberdade que vivenciam lá dentro, como podemos perceber no depoimento anônimo a seguir: *Ai amei, fizemos bagunça ai foi tão bom*. E é convivendo com tantos símbolos e memórias que elas vão interiorizando valores e referências ali perpetuados e transmitidos através de práticas educativas não formais em que de visitantes acabam se tornando usuárias daquele espaço educativo.

Uma provável colega de Brenda chamada Natalia, escreve logo abaixo dela no dia 20/04/2009 e faz um depoimento interessante: “(Sic- é desenhado um coração) *Oi meu nome é Natalia tenho 12 Anos Adorei tudo do museu. (sic) é tudo muito importante para sabermos como era o mundo antigamente Vocês estão de Parabéns ! (sic – desenha um coração) Beijos: Natalia.*

Como já escrevemos outras crianças e jovens pegam livros emprestados na biblioteca do Museu, ou participam da sala de leitura, outras do PET ou ainda dos cursos oferecidos no Museu, além de receberem toda a mensagem museográfica transmitida na visita à exposição permanente e às temporárias do próprio Museu através da livre observação e/ ou das explicações dos guias do espaço museal. Portanto, mais uma vez o Museu se apresenta como um espaço não formal de educação sob vários ângulos, tanto nas visitas às exposições, quanto na participação nos cursos lá oferecidos de forma não escolar, mas sistematizada, não formal.

O depoimento de Joyce Carvalho em 18/10/2010, estudante da Escola Municipal Bernardo de Vasco, nos diz *Eu gostei do museu da Maré por que é simples é legal. Também é importante a história da Anne Frank<sup>38</sup> por ela viveu 2 anos escondida eu nem você não conseguiria mais tudo aqui e bom. Escrito por Joyce Carvalho*” Joyce não diz quantos anos tem, mas podemos imaginar que tenha por volta de 13 a 15 anos, que é a média de seus colegas declarantes nesse dia e pertencentes à mesma escola e mesma turma. Também não diz em que bairro mora.

Como já abordamos em capítulo anterior, o Museu da Maré tem sua exposição permanente e diversas outras temporárias, como a de Anne Frank, e em alguns poucos depoimentos os visitantes fazem alusão às temporárias. Mas, percebemos que o impacto da palafita e da forma museográfica como toda a história da Maré é contada normalmente, geram muito maior impacto no público do que qualquer exposição temporária.

---

<sup>38</sup> Uma das exposições temporárias do Museu da Maré foi a “Exposição Anne Frank – Uma história para hoje” que ocorreu de setembro a novembro de 2010 no Centro de Referência da Educação Pública do Rio de Janeiro, no Museu da Maré e no Centro Cultural de Santa Cruz Dr. Antonio Nicolau Jorge. Além da exposição houve também palestras com uma senhora sobrevivente do holocausto aberta à comunidade e a algumas escolas públicas próximas.

## 8.2.2 Os eixos temáticos

No eixo temático espaço educativo não formal/ educação, encontramos muito poucos depoimentos que utilizam diretamente a palavra educação, ou aprendizagem, ou ensino, como por exemplo a escrita anônima de março de 2009 que diz *Eu gostei muito é bom aprender sobre a Maré*; ou ainda, a escrita de Fernanda Bonfim de Araújo que revela *Eu Fernanda, achei a exposição muito educativa e interessante. A exposição explica que a Maré e não é só favela, tem história*. Também, o depoimento simplório de Isabela (11/11/2010) nos fala sobre a possibilidade dessa aprendizagem e da consciência da mesma: *Eu Isabela Eu goste por que eu aprendi como os brinquedo eram de madeira aonde minha mãe morava então eu agradeço muito a Deus pelos dias de hoje.*” Percebemos em seu depoimento que Isabela é uma moradora da Maré e que sua mãe morou nas palafitas, e ela valoriza e percebe as melhoras materiais na comunidade. Porém, no Livro de Assinaturas não encontrei mais informações sobre ela.

Também, achamos vários depoimentos que falam da alegria de saber como era a vida antigamente, da emoção de ver como a mãe ou o pai viveram, de conhecer a história da Maré e declarações semelhantes. Sendo assim, percebemos que em todos esses tipos de declarações nos deparamos com o fato de haver um grande desconhecimento prévio da história da Maré anterior à visita, Mas, através da mesma novas informações são recebidas, introjetadas, recolhidas, somadas e porque não, aprendidas sobre a história da Maré e a memória local. Mais uma vez me deparo a possibilidade de subjetividades transformadas (Silva, 1999) deixando claro o alcance da dimensão educativa do Museu. O depoimento de Rosa Gabriela em 21/09/2009 confirma isso: *Eu achei super interessante, pois explica não só para mim quanto pra todas as pessoas que o mundo antigamente era bem diferente de hoje !!*; ou ainda, o depoimento de Thais Can que diz “Relembrei muitas coisas da minha infância, vou voltar com minha filha para que ela reviva comigo tudo isso!”.

O segundo eixo temático é o da memória. Thayane foi com sua avó Josenia ao Museu da Maré. Ambas são moradoras da Vila do Pinheiro e não declaram suas idades, nem na possível instituição escolar de Thayane. Esta dá o seguinte depoimento: *Rio, 20/07/09. Thayane Ramos Soares da Silva. Foi bom conhecer a*

*história do museu da Maré e relembra como foi a infância da avó Josenia no tempo das Palafitas de lá pra cá tudo mudou pra melhor. Eu Thayane e Josenia foi bom (...)*”. Ao ler esta mensagem recordamos Ricoeur (2007) que nos fala da passagem da memória compartilhada à memória coletiva e da importância da confiabilidade da testemunha. Quanto mais uma testemunha mantém seu testemunho no tempo, maior a credibilidade da mesma. Logo, a avó Josenia ao se identificar e emocionar com a exposição museográfica permanente permite que tal *memória das palafitas* se faça presente com maior significado para sua neta e a comunidade como um todo.

Sendo assim, o depoimento de Thayane nos recoloca a questão do testemunho, que Ricoeur (id) nos alerta que para que seja válido, há que se ter credibilidade. Mas, com certeza para ela sua avó tem credibilidade “ancestral” e o Museu também passa a ter tal credibilidade, pois confirma as lembranças de sua avó e vice-versa, compreendendo assim o que Ricoeur (id) afirma ser a memória afetiva. Tanto o que fica na memória da avó, quanto da neta passa diretamente pela afetividade.

Em final de julho de 2009, Cláudia dá o seguinte depoimento: *Trouxe várias memórias! Obrigada!*”. Neste depoimento memória também está associada a lembrança. O que queremos lembrar e o que queremos esquecer. Com certeza o Museu da Maré e muitas pessoas das comunidades – como Cláudia – agradecem ao Museu por ter trazido as lembranças que não querem esquecer.

Essa correlação entre as lembranças dos moradores – como Thayane, Josenia e Cláudia- e o que o Museu da Maré apresenta na sua reconstrução de memórias locais formam a base comum imprescindível que Halbwachs (1968) associa ao testemunho, como exposto no trecho abaixo:

“Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.” (id, 1968, p.12)

Já o eixo temático história, assim como o de memória, é muito recorrente nos depoimentos. Fora aqueles muito simplórios - *como gostei, amei, demais* etc-, história junto à categoria memória é a que mais aparece. Às vezes a noção de

história está posta associada a pertencimento, identidade, como na fala de Gabriel que iremos analisar a seguir.

A noção de que um povo que tem história tem mais valor, fica claro no depoimento de Gabriel Maciel da Silva. Gabriel é morador de Anchieta, assim como Rafael Maciel e Josi Maciel e os três, provavelmente mãe e filhos, vão visitar o Museu da Maré. Gabriel tem 10 anos, Josi 31 e Rafael 7 anos. O depoimento de Gabriel nos diz: *Meu nome é Gabriel, Rafael e Josi. Nós moramos em Anchieta, e achamos a história da Maré muito interessante. Este povo tem história.*” em 26/07/2009. Portanto, um povo que tem história tem mais valor, logo sua identidade se fortalece, ou seja, se empodera socialmente.

Também Joselito Mendes de Souza no mês de outubro de 2010 nos dá o seguinte depoimento: *Eu achei legal em ver que eu venci essa história.* Não conseguimos saber mais nada da vida de Joselito, mas pelo depoimento percebemos que se trata de um morador da Maré e que viveu muito provavelmente no *tempo das palafitas*, pois ele mesmo se considera um vitorioso porque venceu essa história de pobreza e exclusão. Logo, se viveu nas palafitas que duraram até aos anos 70 e início dos anos 80 é porque ele tem no mínimo 30 a 40 anos. Joselito, mesmo tendo provavelmente vivido tudo isso, valoriza a exposição que narra a história e memórias construídas pelo Museu da Maré, que permitem que ele reflita sobre essa realidade.

Outro eixo importante em nossa pesquisa é o conceito de identidade. Lídia Felix Silva escreveu: *Maré, lembranças inesquecíveis, vivo aqui desde pequena. Sou Favelada com muito orgulho. Filha de nordestinos, nascida criada na Maré. Maré é sinônimo de luta, cidadania, guerrilheiros de uma luta cotidiana. Lídia Felix.* Lídia tem 18 anos e vive no Conjunto Bento Ribeiro Dantas, mas assina Fogo Cruzado também. Quando o Museu da Maré investe tanto na construção da memória e história local tem um objetivo claro, tanto visto por nós, quanto confirmado por vários de nossos “narradores da Maré”, que é o empoderamento e fortalecimento das identidades locais. O empoderamento da palavra favela, a valorização da história local, a construção de uma memória contra-hegemônica etc, nos permitem pensar que esse é o objetivo central do Museu da Maré. Lembrando mais uma vez as entrevistas dadas por Lourenço e Carlinhos, eles afirmam ser a formação política do cidadão, a valorização da história local, a construção da memória da Maré eixos da atuação desse grupo que acaba fundando

também o Museu da Maré conectado ao CEASM. O trecho abaixo de Antonio Carlos Vieira (2004) deixa claro a intenção de construir essa memória e resgate da história local, com a finalidade de transformação social:

“Não se pode esquecer o papel dos grupos sociais. Na verdade, como portadores das memórias coletivas, eles podem romper com esta lógica do lugar de memória atrelado à história oficial e construir novos paradigmas que dêem novo sentido a este conceito e rompam com o que Nora diz ser o esfacelamento da memória (Nora, 1993, p. 17). Aos grupos sociais, cabe ressignificar os lugares de memória, devendo assumir o papel ativo na sua identificação. Um fator fundamental a ser considerado deve ser justamente o da “utilidade” dessa memória como combustível de transformação social.” (id, p. 158)

Continuando nossa trilha pelos livros institucionais encontramos alguns depoimentos saudosistas até mesmo em relação à vida precária em que viviam grande parte dos moradores das comunidades da Maré, como o seguinte depoimento anônimo de um morador local: *Deu saudades das palafitas* em dezembro de 2010. Esse depoimento nos chama atenção não só pelo saudosismo de uma vida tão precária, mas também, pelo fato do Museu conseguir atingir de tal forma a identidade daquele indivíduo que ele se emociona a ponto de sentir saudades daquela realidade dura. Carlinhos, diretor do Museu da Maré, ao ser entrevistado nos afirma exatamente isso, que um Museu tem que emocionar, que ao entrar no Museu e se deparar com a palafita é uma emoção. E é exatamente isto que intencionalmente foi planejado e que encontramos em muitos depoimentos. Ora se já comentamos que a memória é afetiva (Ricoeur, 2007), no Museu da Maré encontramos diversos portais abertos para a afetividade ... a palafita, todos os móveis e utensílios do interior da mesma, como, o fogão, o bule de café, a louça para colocar banha, dentre outros, o barco, o São Pedro, os brinquedos – como o carrinho de rolimã, a pipa, o pião ...

Tanto o saudosismo da favela, das palafitas, quanto o aprendizado de Thayane com o que sua avó Josenia viveu, nos remete a Appadurai & Breckenridge (2007) quando afirmam que há uma enorme variação na apropriação do passado por indivíduos do presente e a tensão inerente ao próprio fortalecimento identitário:

“Estas vão desde problemas associados a etnicidade e identidade social, nostalgia e busca de uma autenticidade “museificada” até a tensão entre os interesses dos Estados em fixar identidades locais e as pressões que as

localidades exercem ao tentar transformar essas identidades. O resultado é uma quantidade de pressões contraditórias, algumas no sentido de fixar e estabilizar identidades grupais por meio de museus (e do potencial de se usar seus artefatos para emblematizar identidades grupais existentes ou emergentes), e outros que tentam libertar e desestabilizar essas identidades por meio de modos diferentes de expor e observar os objetos.” (id, p. 13-4)

O último eixo a ser analisado é o que tem a ver com os depoimentos dos estrangeiros, já que estes foram o grupo fora da Maré que mais visitou o Museu num ano (2010) e em segundo lugar, no outro (2009). Resolvemos dar alguns exemplos de depoimentos recebidos, como o de Soledad, argentina que declarou: *Qué bueno es vernos y reconocernos, es lucha, el trabajo, los miedos, la resistencia y los sueños. Buena lucha! Soledad La Matarza – Argentina*” Soledad não data seu depoimento, tampouco escreve sua idade ou instituição que possa estar ligada, porém suas palavras são claras na valorização daquele espaço, nas memórias de resistência e luta ali narradas e com as quais parece se identificar.

Alguns estrangeiros escrevem em espanhol, ou em suas línguas naturais, como alemão ou holandês. Elim, da Noruega, escreveu em espanhol: *Muchas gracias por invitarnos a visitar a su historia, a su comunidad. Me impresioné mucho. Um gran saludo, Elim de Noruega.* Elim não assinou o Livro de Assinaturas no dia 24 de março de 2010, só o de Depoimentos.

Por outro lado, Harmlul Prasch, austríaco de 48 anos, visita o Museu da Maré com outros estrangeiros no dia 31 de março de 2010, mas talvez pela dificuldade da língua não deixa depoimento, apenas assina o Livro de Visitantes.

Diversos são os depoimentos de estrangeiros parabenizando o Museu da Maré e encantados e solidarizados com a memória aí construída. Como nosso campo de estudo é a população local, não nos deteremos nesse tipo de análise.

### 8.2.3

#### Que aspectos destacar ?

Alguns pontos nos chamaram atenção ao estudar os Livros de Visitantes e Depoimentos de 2009 e 2010, por sua repetição, recorrência ou originalidade.

Há muitos depoimentos pequenos, quase “monossilábicos” em que crianças ou adultos se expressam de forma simplória: *Gostei, Amei, Muito legal !* Em outros são feitos símbolos, gráficos como se fossem de grafite, “pichações”,. Estes últimos, a maioria deles não conseguimos entender sua grafia e/ ou seu sentido ...

Outra constância é que em alguns grupos, escolares principalmente, às vezes todos assinam e só um dá o depoimento, na maior parte das vezes o professor, ou orientador do grupo. Encontramos isto também em turmas de faculdade, de graduação. Já os grupos de Pontos de Memória, ou outros também conscientes da importância desse tipo de museu comunitário, escrevem em geral depoimentos “apaixonados” e vibrantes com o Museu da Maré.

Outra conclusão que nos impressionou muito é que encontramos pouquíssimos depoimentos negativos, como: *Não gostei*, *Um saco*, *Muito chato*. No total dos 2 anos analisados é bem pequeno o número de depoimentos de que os visitantes não tenham gostado. Também poucos sugerem faltas, mas neste item alguns conseguem apontar sugestões, por exemplo: querem mais fotos de suas comunidades, gostariam de tirar o *Tempo da violência* da exposição permanente tendo em vista que mostra diversos projéteis de armas recolhidos na comunidade da Maré, dentre outras.

Como uma terceira conclusão nos deparamos com o fato de que raros são os depoimentos de deboche, em que o visitante escreva uma “maluquice” como no dia 28/10/2009 que escreveram *Ronaldo, brilha muito no Corinthians*, ou mesmo a escrita de palavrões é muito rara. Portanto, os visitantes ou usuários do Museu em sua grande maioria parece levar a sério o depoimento aí registrado.

Segundo Viktor Chagas, o Livro de Depoimentos é o livro de ausências como explica no trecho abaixo:

“Quando chamo, portanto, de livro de ausências, o Livro de Depoimentos dos visitantes do Museu da Maré, tenho em conta que estou gerando a partir disto um questionamento de minha própria avaliação. Mas, se o faço, é para chamar a atenção para o fato de que o livro-caixa, com depoimentos apaixonados sobre a experiência sensorial e narrativa do museu, é ele próprio um espaço de representação e escrita memorialista, é ele próprio um vetor, se não um lugar de memória.” (id, p. 18)

Outra permanência que encontramos é a raridade da expressão pelo desenho. Porém, há momentos que os depoimentos são muito personalistas, por exemplo: Brenda escreve várias vezes no livro de depoimentos, às vezes só anota *Ótimo museu. Ass. Brenda* e ocupa meia página, outras vezes escreve *Parabéns. Adorei. Bjs* e ocupa mais meia página. São muito personalistas esses e outros depoimentos de Brenda, como muito outros, especialmente de crianças e adolescentes.

Para finalizar este capítulo gostaríamos de reforçar a ideia e hipótese de quanto o Museu da Maré é um espaço não formal e até, às vezes, informal, de educação devido a todos esses argumentos já utilizados e explicados, para construir a memória local e reinterpretar a história da Maré com fins de empoderamento identitário. Sendo assim, concordamos com Vieira no trecho abaixo quando diz que o Museu da Maré é um “lugar de memória” num local que insiste em resistir e se fazer parte da cidade do Rio de Janeiro a despeito da grande exclusão social e econômica que sofre do poder público e de parte de nossa sociedade.

“O Museu da Maré é um lugar de memória instituído por moradores da região da Maré, bairro de conjuntos populares e favelas na cidade do Rio de Janeiro. Onde justamente o senso comum insiste em dizer que não há nada para lembrar se constitui um lugar de memória que trabalha o tempo a partir de sentidos e significados, e não, a partir do cronológico.” (Vieira, 2007, pg. 6)

Sendo assim, entendo que é essa “vontade de memória” que encontramos entre os fundadores do Museu da Maré e no próprio espaço museográfico, que podemos relacionar ao trecho abaixo de Gabriel (2005) nos elucidando sobre o quanto há dessa tensão entre a memória e a história.

“Esses lugares de memória devem ser, de forma concomitante, materiais, simbólicos e funcionais. Essas três dimensões coexistem sempre, mesmo que a ênfase ou sua maior visibilidade esteja posta em apenas uma delas. Elas tanto refletem uma ‘vontade de memória’ (instala a lembrança do sagrado, imóvel, eterno, coletivo, vivido internamente etc) como sofrem a intervenção da história, mudam com o tempo, são construções intelectuais, mediadores individuais, representação do passado, necessitam de suportes externos, possuem dimensão crítica etc.’ (id, p. 70)